Comunicação e Semiótica em Ressonâncias Epistemológicas

Lucrecia D'Alessio Ferrara
Doutora; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
ldferrara@hotmail.com

Resumo

Considerando a confluência de inferências cognitivas de distintos teóricos que atuam ou atuaram em diferentes disciplinas e interferiram sobre as respectivas dimensões epistemológicas e metodológicas, este trabalho tem duplo objetivo. De um lado, procura-se entender como a dimensão heurística atua nas proposições epistemológicas de diferentes raízes do conhecimento, com alcance sobre teorias reconhecidas pela comunicação e pela semiótica enquanto áreas científicas conjugadas; de outro lado, procura-se entender como aquela heurística é responsável pela natureza dialógica que ressoa na produção do conhecimento contemporâneo, sugerindo à Comunicação e à Semiótica profícuo trabalho de interface.

Palavras-chave

Comunicação.Semiótica.Conhecimento.Heurística.

1 A circularidade do conhecimento

Em 2007, publiquei um artigo que tinha como título *A circularidade do conhecimento* (FERRARA, 2007) e estudava as possíveis relações entre conceitos que apresentavam nomes muito próximos: tecnosfera e psicosfera, conceitos criados por Milton Santos e apresentados em obra antológica para a geografia (1996) e o conceito de semiosfera, criado por Yuri Lotman (1996) e proposto em teoria não menos famosa, onde procurava traçar um desenho abrangente daquilo que, mais tarde, passou a ser conhecido como Semiótica da Cultura. No

artigo mencionado, procurava aproximar e construir contatos entre os três conceitos que surgiram em domínios científicos muito distantes, mas apresentavam características possíveis de serem aproximadas, com promissoras perspectivas epistemológicas.

Naquele artigo, entendia que havia, entre os conceitos e as teorias dos seus respectivos autores, densos pontos de contato que circulavam. Portanto, inferia-se que a produção de conhecimento e a epistemologia que deles emanavam apresentavam certa circularidade recorrente. Ultimamente, o título desse artigo me incomoda, porque sugere uma epistemologia concêntrica que se retoma e se repete: uma circularidade.

Uma epistemologia que se equivoca por tentar descobrir, não a procedência dos conceitos, mas sua constante circular se evidencia como aderência conceitual que, recorrente, se manteria para edificar uma epistemologia sólida e permanente. Ou seja, sob a pretendida circularidade repousa a velha causalidade apoiada em relações de causa e efeito que está na base epistemológica de uma ciência explicativa. Esse objetivo se sedimenta e fortalece na medida em que faz da explicação, ou melhor, da discriminação dos efeitos de uma causa, o caminho seguro para definir uma área científica e, no limite, sua autonomia e justificativa de identidade dos seus objetos de estudo. Uma epistemologia linear que, no caso da Comunicação, a entenderia como decorrência circular da cultura, sem perguntar como a comunicação constrói a cultura, ou como a comunicação entre os homens e a natureza pode estabelecer uma dimensão ontológica da comunicação, visto que surge como alicerce inseguro do mundo porque, nele, a comunicação não se repete, mas se faz sempre nova e diversa.

A comunicação recursiva que pode estar presente na circularidade do conhecimento recupera uma epistemologia determinista que, entendidacomo eterna e definitiva, o mundo contemporâneo superou.

Rever um trabalho e nele procurar formas de superação ou novas hipóteses supõe fazer, do exercício intelectual, a procura incessante de uma resposta que, ao contrário de uma solução definitiva, instiga a dúvida perene porque, de modo paradoxal, a possível definição de uma pesquisa outra coisa não é senão a procura desenfreada da certeza reiterativa, apesar da emergência da dúvida. Rever um trabalho sugere estarmos envolvidos pela indagação que duvida para poder acreditar.

Se ao artista não cabe fazer a metalinguagem da sua obra, ao cientista essa flexibilidade é indispensável e, talvez, essa seja a ponderável diferença entre a arte e a ciência como atuações cognitivas.

2 A comunicação entre meio e mensagem

A comunicação nada transmite, mas se realiza valendo-se dos meios comunicantes. Portanto, a comunicação nada é em si mesma, pois estará sempre relativizada pelos meios técnicos que utiliza e pelas configurações mais ou menos performáticas que desenvolve.

Como exímio criador de aforismos, McLuhan (1969a) propõe, na década de 60 do século XX, o célebre conceito: o meio é a mensagem. Até nossos dias, esse aforismo inquieta porque coloca em questão a mensagem que seria o conteúdo quase messiânico da comunicação como agente transmissor. Entretanto, sugere duas possíveis interpretações: de um lado, supõe entender a comunicação restrita a um meio técnico e aquém da mensagem, de outro lado, só seria possível entender a comunicação se admitirmos a própria mensagem, porque cabe, à primeira, a função precípua de transmissão.

Entretanto, o próprio autor daquele aforismo procurou superar a dificuldade de interpretação da frase esclarecendo, em inúmeras oportunidades, que o meio é a mensagem, mas não é causa da mensagem que lhe seria consequência, ao contrário, o meio seria o instrumental da mensagem, sem ser ferramenta da sua transmissão; ou seja, o meio constitui a mensagem criando-a e legitimando-lhe o sentido como um *feedback*que prevê sua possível consequência. O meio técnico não é a mensagem, mas o ambiente associativo que permite comunicar e nos leva a perceber a natureza do meio como agente modificador do ambiente e do homem que nele atua. O meio é a mensagem porque expande a capacidade perceptiva do homem que nele se reconhece (MCLUHAN, 1969b). De modo entrópico, os meios permitem, ao homem, alcançar a ecologia dos ambientes que o envolvem e o fazem partícipe da ampla orquestração do universo de todas as espécies vivas em comunicação. Nessa célebre raiz ambiental, a ecologia se dimensiona entre todos os seres vivos e os ambientes, articulando-os comunicativamente.

Nessa dimensão ambiental, encontra-se uma ressonância sistêmica entre aComunicação e as Ciências Exatas e evidencia, entre elas, inequívoco traço arqueológico. Ou seja, o am-

biente, conforme esclarece Agamben (2002), estudando o célebre conceito de Umwelt (UEXKÜLL, 2004), não se confunde com o espaço geográfico físico onde estamos instalados e situados, mas se trata do ambiente-mundo que nos marca e que marcamos, nos identifica e identificamos com todas as representações que constituem e fazem significado daquele e para aquele ambiente, ou seja, esse ambiente varia ou se transforma conforme o modo epistemológico e cognitivo que, com ele, desenvolvemos.

O célebre aforismo de McLuhan abre a senda de análise daquilo que estamos nomeando ressonâncias epistemológicas. Aliás, o eco que atravessa lugares, supera conceitos e aproxima cientistas é, na realidade, reflexo da primeira Revolução Industrial que, do horizonte técnico e econômico, suscitou as profundas mudanças culturais, sociais, econômicas e políticas que atravessaram o século XX e atingem o atual.

3 Ressonâncias epistemológicas

Desde 1920 e no auge do formalismo russo, Mikhail Bakhtin (1970; 2011) lança o célebre conceito de polifonia que, na sua etimologia, se relaciona à música e permite perceber a semântica do diálogo entre vozes ou conceitos ressonantes e criadores de possíveis mundos diversos que, em relação, se expandem do primeiro pós-guerra até as turbulentas décadas de 40 a 70 do século XX. O cenário entrópico dessas décadas propicia a atmosfera térmico-cognitiva para o desenvolvimento de outros conceitos que atingem, nas suas ressonâncias, a epistemologia da Comunicação.

Em 1940 e no reverso empiricista da pesquisa norte-americana, Gregory Bateson (1991), na contramão da eficiência instrumental da comunicação, propõe a incomunicabilidade do duplo vínculo, só ultrapassada se desenvolvida a capacidade de um salto metacontextual que traça, para a comunicação, não o território da transmissão, mas seu oposto, a deuteroaprendizagem, que desenvolve o aprender a aprender e apresenta, para a comunicação, uma face epistemológica inusitada, vinculando-a à capacidade de atuar, entre as relações humanas, como ção produtora de diferenças que, se apreendidas, podem construir uma comunicação sem intencionalidade de transmissão de uma mensagem preestabelecida. A comunicação como percepção cognitiva da diferença que faz a diferença.

Em 1960, Yuri Lotman (1996) observa a ressonância que se pode encontrar entre as Ciências Exatas e a Cultura e procura inspiração em horizonte mais antigo. Em 1926, o químico Vladimir Vernadsky, desenvolvendo pesquisas empíricas de aproximação entre a Química e a Biologia, acaba por sintetizar aquela proximidade com o nome de biosfera (VERNADSY, 1926[1] apud LOTMAN, 1996). No âmbito dessa contaminação, Lotman propõe, por analogia, o nome semiosfera para designar a dinâmica que cria fronteiras ambientais, onde se estabelecem os jogos diacrônicos da cultura que, à primeira vista, surgem como descontínuos, mas se revestem do eco sincrônico que lhes plasma uma identidade contínua sempre em desenvolvimento. O descontínuo só é percebido como reflexo, muitas vezes invertido, mas só pode ser entendido no contínuo que estabelece, no espaço da cultura, estreita relação entre o tempo e o espaço, entre o presente e o futuro como revisão dialógica do passado.

A partir da década de 70, a circularidade da esfera está presente na nomeação de inúmeros conceitos que surgem no âmbito de distintas ciências e assinalam o nomear como prática epistemológica que transforma a criação de um nome em configuração semiótica. Essa convergência sugere a sutil "conversação" que se estabelece entre distintas esferas do conhecimento e se apresenta em franca expansão, mas não se retoma de modo circular, porque sistêmica, aponta para a irrevogável entropia e troca de informação que se expande na complexidade da ciência contemporânea. Geosfera, biosfera, semiosfera, noosfera, tecnosfera, psicosfera são nomes que apontam suas ressonâncias como porosas fronteiras semióticas do conhecimento e indiciam a estreita relação que existe entre a discriminação dos componentes de uma linguagem e seus nomes.

Assinala-se o caráter espacial dessa ressonância que, distante dos marcos temporais de uma cronologia de eventos científicos, se apresenta rigorosamente descentrado, contínuo e acontecimental. Essa espacialização, que contamina as fronteiras de todas as ciências, apresenta notáveis características epistemológicas que apontam para uma revisão da ciência tradicional e atinge o vetor que a distingue com mais precisão, isto é, supera-se a definição de ciência como território autônomo e independente que caracteriza as ciências disciplinares responsáveis pelos sólidos, mas estanques paradigmas que reduzem a investigação à recorrência e impedem a possibilidade de uma deuteroaprendizagem científica.

[1] VERNADSKY, Vladimir Ivanovich. **Razmyshlniia naturalista**. 1926.

Aquela espacialização ressonante expande uma conversação ou diálogo cognitivo que ultrapassa as ingênuas interdisciplinaridades ou transdisciplinaridades, devedoras das mesmas matrizes que configuram a ciência como certeza ou dogma disciplinar. Na sua contramão propõe-se a descoberta da epistemologia que se constrói nas fronteiras porosas entre todas as ciências, sem dependências serviçais entre elas.

Nesse sentido, procuram-se ressonâncias epistemológicas e não fáceis correspondências circulatórias que se deixariam apreender, porque agasalhadas na linearidade daquilo que se repete ou reduzidas na simples discriminação semiótica da sua constituição.

Adensando-se a percepção espacial e expansiva dessa epistemologia ressonante da Comunicação, no final da década de 90 e no início do século XXI, dois geógrafos ultrapassam as inertes realidades voltadas para o espaço geográfico como território, como paisagem ou como entorno e se dedicam a pensar uma geografia humana como ambiente, marcado pelas relações entre todos os seres vivos e pela subjetividade humana.

Com essas contribuições, a Geografia, entendida no estrito compasso de uma disciplina, supera o paradigma que a configurava como material e física, para encontrar sua dimensão ontológica e outra possibilidade epistemológica. Apoiada no conceito de ambiente ou de meio técnico científico informacional a geografia se torna ciência que, ao aderir à técnica, se distingue como tecnicidade:

> A invenção, que é criação do indivíduo, supõe que o inventor tenha conhecimento intuitivo da tecnicidade dos elementos, a invenção se concretiza nesse nível intermediário entre o concreto e o abstrato que é o nível dos esquemas, supondo a existência prévia e a coerência das representações que recobrem a tecnicidade dos objetos de símbolos que fazem parte de uma sistemática e de uma dinâmica imaginativas. A imaginação não é, apenas, a faculdade de inventar ou de suscitarrepresentações que vão além da sensação, é também a capacidade de perceber, nos objetos, certas qualidades que não são práticas, nem diretamente sensoriais, nem completamente geométricas, que não se relacionam com a pura matéria nem com a pura forma, porém estão nesse nível intermediário dos esquemas. (SIMONDON, 2007, p. 94, tradução nossa)[2].

[2] "La invención, que es creación del individuo, supone em el inventor el conocimiento intuitivo da tecnicidade de los elementos; La invención se cumple em esse nível intermedio entre lo concreto y lo abstracto que es el nivel de los esquemas, suponiendo la existência previa y la coherencia de las representaciones que recubren la tecnicidad del objeto de simbolos que foraman parte de una sistemática y de una dinâmica imaginativas. La imaginación no es solamente facultad de inventar o de suscitar representaciones por fuera de la sensación; es también la capacidade de percibir , en los objetos, ciertas cualidades que no son prácticas, ni diretamente sensoriales, ni completamente geométricas, que no se relacionam ni com la pura materia ni com la pura forma, sino que están en ese nível intermédio de los esquemas." (SIMONDON, 2007, p. 94).

Essa atuação inventiva e produtiva da tecnicidade sobre o meio e os homens transforma o conceito de espaço. Supera-se o registro dimensional daquilo que se fragmenta, porque ativado por uma dimensão simbólica entre os meios, o espaço e os homens. Sem banalizações, introduz-se a comunicação e a linguagem no território de uma conversação geográfico-ambiental enquanto recupera-se a célebre dimensão comunicativa do ambiente criado e acionado pelos meios técnicos e informacionais, já vislumbrada por McLuhan (1969a) no célebre aforismo "o meio é a mensagem".

Aquele ambiente/território visitado pela Geografia como disciplina do físico inerte é agitado pela presença de dois geógrafos-comunicólogos: trata-se de Milton Santos (1996) e Augustin Berque (2000). Ao primeiro devemos os célebres conceitos de tecnosfera e psicosfera, ao segundo, atribuem-se os conceitos de *médiance* e trajetividade. A ambos se deve a proposta não apenas de uma geografia nova, mas de um modo de produzir cognição ecologicamente comprometida com a relação física e simbólica de todos os seres vivos que constroem o espaço ecológico ou o lugar interativo onde a comunicabilidade habita.

Mutuamente redutíveis, os conceitos de tecnosfera e psicosfera adensam o sentido da técnica em meio técnico-científico-informacional, fazendo com que o objeto técnico seja redesenhado pela tecnicidade, a fim de que seja superado o binômio determinista que ronda a técnica e finalmente o criador se reconheça na sua criatura: a comunicação entre todos os seres vivos ou potentes de vida, passa a adensar o mundo feito de sentidos, técnicas, sujeitos, objetos, valores, ações, sensibilidades.

Esse ambiente que é ao mesmo tempo técnico, interativo e simbólico, é o território habitado por todos os seres que são por ele afetados e o transformam em ambiente vivo. O cenário da percepção humana se expande em um mundo que, físico, não é transformado, mas se transforma em ambiente ecumênico onde o espaço se encolhe para construir lugares comunicantes. Deslocaliza-se o espaço das referências imóveis para permitir a construção de lugares habitados por todos, uma tecnosfera transformada em psicosfera do lugar ainda que, atualmente, possamos concebê-lo planetário:

> Tecnosfera e psicosfera são redutíveis uma à outra. [...] Tecnosfera e psicosfera são os dois pilares com os quais o meio científico-técnico introduz a racionalidade, a irracionalidade e a contra-racionalidade, no próprio conteúdo do território. (SANTOS, 1996, p.204).

Essa redutibilidade constitui o elemento que estrutura o lugar e o torna agente da mudança ou dos fluxos que transformam mutuamente espaços, territórios, objetos, técnicas, ações e homens.

Análoga dimensão ecológica antiantropocêntrica é retomada, quase simultaneamente, por Augustin Berque (2000) em obra que retoma, no título, exatamente aquilo que afeta o homem contemporâneo sem espaços ou tempos determinados, o ecumênico. A Berque se deve os conceitos de *médiance* e trajetividade.

A *médiance*, que nada tem a ver com uma tradução fácil, mas equivocada, como mediação, mediatividade ou mediatização é o ambiente físico, técnico, comunicante e simbólico onde coexistem o ecossistema que aciona a vida de todos os seres vivos e, entre eles, o homem que também tem a existência patrocinada por aquele sistema, mas não pode prescindir das interações mediadas por crenças, valores, técnicas, comportamentos e ações:

> Assim foi constituído nosso corpo mediativo. A estrutura que se coloca ativa, divide o ser do humano por assim dizer em duas metades, das quais uma é nosso corpo animal, a outro nosso corpo mediativo. Essa divisão em duas metades que expande nosso ser do lugar do nosso corpo animal até o horizonte do nosso mundo, é o momento estrutural de nossa existência. É a nossa *médiance*. (BERQUE, 2000,p. 127, tradução nossa)[3].

Uma *médiance* responsável pelo momento estrutural da existência humana concebe um mundo que, no século XXI, é mais do que nunca comunicante e está em interação de movimentos planetários, em trajetividade que, na sua radicalidade, precisa ser entendida nas palavras do próprio autor:

> A trajetividade é esse duplo processo de projeção técnica e de introjeção simbólica. É o vai-e-vem, a pulsação existencial que, animando a *médiance* faz com que o mundo nos importe. Ele nos importa carnalmente, porque ele sai de nossa carne sob a forma de técnicas que aí retorna soba forma de símbolos. É por isso que somos humanos, é nisso que existe o ecumênico, e é por isso que o mundo faz sentido. (BERQUE, 2000, p. 129, tradução nossa)[4].

[3] "*Ainsi c´est constitué notre corps medial. La structure qui s´est de la sorte mise em place partage l´être humain pour ainsi dire em deux moitiés, dont l´une est notre corps animal, l´autre notre corps medial. Cette division em deux moitiés, qui étend notre être du foyer de notre corpas animal jusqu´à l´horizon de notre mionde, c´est le moment etructural de notre existence. C´est notre médiance.*". (BERQUE, 2000,p. 127).

[3] "*La trajection, c´est cE Double processus de projection technique et d´introjection symbolique. C´est le va-et-vien, la pulsation existentielle que, animant la médiance fait que le monde nous importe. Il nous importe charnellement, parce qu´il est issu de notre chair sous forme de techniques et qu´il y revient sous forme de symboles. C´est en cela que nous sommes humains, en cela qu´existe l´écoumène, et c´est en cela que le monde fait sens.*".(BERQUE, 2000, p. 129).

4 A ciência em ressonâncias

Tanto quanto se sabe pelos traços biográficos de todos os autores apontados nesse trabalho, essas personagens nunca trocaram figurinhas, mas as teorias por eles produzidas apontam uma estranha convergência que, embora sem correspondências diretas, assinalam uma curiosa atmosfera cognitiva.

Se considerarmos que o século XX apresenta um espírito do tempo marcado pelas consequências de duas grandes guerras e pelo profundo desencanto produzido por uma ciência que, determinista, se apresentava como definitiva e irrevogável solução para os entraves políticos, econômicos sociais e culturais, é possível entender que aquela atmosfera especular impacta o século em que nos encontramos, mas foram geradas, sobretudo, pela segunda metade do século XX. Portanto, essa atmosfera cognitiva fez eco à urgente necessidade de uma reação do século XX na emergência de um novo século que surgia. Uma espécie de dívida histórica saldada pelo conhecimento.

Porém, é necessário ponderar que, através de ressonâncias, não se encontram correspondências e essa diferença tem grande importância epistemológica: as correspondências não supõem a mencionada circularidade apontada anteriormente como retomada incansável e inerte dos mesmos paradigmas que, embora aplicados a distintos objetos, recuperam-se assinalando uma forma linear e codificada de pensar e agir.

Ao contrário, as ressonâncias não procuram, no tempo ou no espaço, origens consagradoras de um começo, mas procuram procedências de um modo de pensar que, sempre inconcluso, exige ser expandido a fim de que se lhes possa apreender todas as possíveis consequências. Desse modo, ressonâncias se manifestam como um procedimento epistemológico que procura traços que marcam, se avolumam e se estruturam como impactos cognitivos ou pontos nevrálgicos de uma ciência. Exige-se, portanto, rever as dimensões científicas a fim de perceber que, embora se postulem como definitivas e de imóvel tendência explicativa, são na realidade fragmentadas, heterogêneas e diferentes, porque desafiadas por um plano humano na dinâmica de um universo vivo e mutável, sem antropocentrismos finalistas.

No final do século XX, impõem-se prestar atenção àquela rede cognitiva que, desde as primeiras décadas do segundo pós-guerra impactavam o cenário europeu, para não mencionar os movimentos futuristas e formalistas que, desde o final da primeira grande guerra, já

apontavam para aqueles impactos, mas não podiam ser compreendidos como ressonâncias, pois ainda não havia escuta ou percepção para uma inequívoca provocação epistemológica.

Uma epistemologia que, na continuidade de uma trajetividade, não se finaliza, mas se refaz a cada provocação comunicativa que, sempre nova e distinta nas suas *médiances*, se processa em um vai e vem incessante, a impedir que a comunicação e suas epistemologias sejam unas e únicas. Ao contrário de uma plana circularidade onde tudo se retoma, mas não se recomeça, é necessário atentar para o volume que projeta as ressonâncias do plano para o espaço onde se encontram os corpos, as subjetividades, os sentimentos, as ações, os objetos e as técnicas.

Nessa trajetividade, toda comunicação está em interação de modo que a epistemologia corresponde a uma atividade tradutora, ou melhor, transdutiva que, ao se rever ante cada provocação comunicativa, se retoma para se refazer propondo, não a tradução do conhecido, mas a transdução que, do passado, permite encontrar novas temperaturas contemporâneas.

A epistemologia de uma ciência em ressonância exige, portanto, considerar alguns aspectos fundamentais: 1) é necessário entender a produção de conhecimento que procede e se nutre de rastros teóricos que se propagam e fermentam na própria história de uma área científica que, para ser contemporânea (AGAMBEN, 2002 e 2009), deve refletir sobre o movimento científico, embora nele não se espelhe; 2) entender que toda área científica é uma representação, um signo que substitui um objeto que não é estático e não está inerte, pois se encontra no cerne do próprio desafio científico constantemente proposto pelo ser no mundo; portanto, toda área científica é, na sua singularidade, uma espacialidade que representa a ciência; 3) enquanto espacialidade, toda epistemologia é uma heurística daquela representação e dos fios que, em rede, a conectam com a ciência como um todo e a fazem dialógica e eco ressonante de toda descoberta científica; 4) nessa trajetividade do geral para o particular em vai-e-vem, toda atividade epistemológica é um reduto ativo do próprio futuro de uma área científica que, na sua dinâmica, se transforma transformando.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **L´Aperto**: l´uomo e l´animale. Turin: Bollati Boringhieri, 2002.

AGANBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo?**: e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **La poétique de Dostoievski.** Paris: Seuil, 1970

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011

BATESON, Gregory. **Una unidad sagrada pasos ulteriores hacia uma ecologia de la mente**. Barcelona: Gedisa, 2006.

BERQUE, Augustin. **Écoumène**. Paris: Belin, 2000.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. A circularidade do conhecimento. In: MACHADO, Irene (Org.). **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume, 2007. v. 1, p. 219-228.

LOTMAN, Yuri. **La semiosfera**. Madrid: Cátedra, 1996.

MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. **O meio são as massagens**. Rio de Janeiro: Record, 1969a.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969b.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996

SIMONDON, Gilbert. **El modo de existência de los objetos técnicos**. Buenos Aires: Prometeo, 2007.

UEXKÜLL, Jakob von. A teoria da Umwelt. **Galáxia**, São Paulo, n. 7, p. 19-48, abr. 2004.

Comunication and semiotics in epistemological resonances

Abstract

Considering the confluence of cognitive inferences of many theorist who work or have worked in different disciplines, interfering on their epistemological and methodological dimensions; the present article has two aims. On one hand, it seeks to understand how the heuristic dimension works on the epistemological propositions in different roots of knowledge, reaching theories recognized by communication and semiotics as joined scientific areas. On the other hand, it attempts to understand how that heuristics is responsible for the dialogical nature that resonates in the contemporary production

knowledge, suggesting to communication and semiotics a fruitful interface work.

Keywords

Communication. Semiotics. Knowledge. Heuristics.

Recebido em 05/09/2016
Aceito em 16/09/2016

Copyright (c) 2016 Lucrécia D´Alessio Ferrara. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.